

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUI-UFPI
CAMPUS UNIVERSITARIO SENADOR HELVIDIO NUNES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

JOANA ANTONIA DO NASCIMENTO

**A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA COMO CURRÍCULO OCULTO NO ENSINO
FUNDAMENTAL**

**PICOS
2014**

JOANA ANTONIA DO NASCIMENTO

**A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA COMO CURRÍCULO OCULTO NO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Monografia apresentada ao curso de licenciatura plena em Pedagogia do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros da Universidade Federal do Piauí (UFPI), como requisito parcial para conclusão do curso. Orientador: Prof^o. Me. Alex Sandro Coitinho Sant'Ana.

PICOS

2014

Eu, **Joana Antônia do Nascimento**, abaixo identificado(a) como autor(a), autorizo a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação abaixo discriminada, de minha autoria, em seu site, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, a partir da data de hoje.

Picos-PI 18 de março de 2014.

Joana Antônia do Nascimento
Assinatura

FICHA CATALOGRÁFICA

**Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo**

N244i Nascimento, Joana Antônia do.
A influência da família como currículo oculto no ensino fundamental / Joana Antônia do Nascimento. – 2013.

CD-ROM : 4 ¼ pol. (40 p.)

Monografia(Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal do Piauí, Picos-PI, 2013.

Orientador(A): Prof.MSc. Alex Sandro Coitinho Sant'Ana

1. Influência da Família. 2. Currículo Oculto. 3. Práticas Pedagógicas. I. Título.

CDD 371.192

JOANA ANTÔNIA DO NASCIMENTO


**A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA COMO CURRÍCULO OCULTO NO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, da Universidade Federal do Piauí - UFPI, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado Pleno em Pedagogia.

Aprovada em: ____ de _____ de 2014.

COMISSÃO EXAMINADORA

Profº. Me. Alex Sandro Coitinho Sant'Ana – Orientador
UFPI


Profª. Francisca D'arc Nascimento dos Santos
UFPI


Profª. Joselma Gomes dos Santos Silva
UFPI

DEDICATORIA

Dedico primeiramente a Deus, a meu marido, por está sempre ao meu lado, a minha mãe que sempre me estimulou nesta conquista, e acima de tudo me ensinou a ser sempre uma pessoa honesta e dedicada na luta por um mundo melhor e enfim a toda minha família pelo apoio, confiança e força que sempre me dão quando eu preciso.

Dedico ainda ao professor orientador Alex Sandro Coitinho Sant'Ana por suas sábias orientações, apoio e acompanhamento na elaboração desse trabalho.

Enfim, dedico a todos os participantes da escola que contribuíram na realização desse trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus primeiramente, por tudo que tem me proporcionado durante a minha vida, meu marido, minha família e aos meus amigos do curso que contribuíram na conquista deste objetivo.

A Universidade Federal do Piauí-UFPI de Picos e aos seus professores que durante o meu processo de ensino aprendizagem souberam com tanto carinho e dedicação repassarem nas suas aulas o aprendizado necessário para o entendimento sobre o poder que o educador possui de transformar vidas.

Ao professor orientador Alex Sandro Coitinho Sant'Ana por seu, apoio, acompanhamento e paciência nos momentos difíceis da elaboração desse trabalho.

Enfim, agradeço a todos os educadores, alunos e familiares que contribuíram de forma direta e indireta com esse trabalho.

“Ai daqueles que pararem com sua capacidade de sonhar, de invejar sua coragem de anunciar e denunciar. Ai daqueles que, em lugar de visitar de vez em quando o amanhã pelo profundo engajamento com o hoje, com o aqui e o agora, se atrelarem a um passado de exploração e de rotina.”

Paulo Freire

RESUMO

O presente estudo pretende investigar a influência da família como currículo oculto no ensino fundamental, já que a mesma tem um papel fundamental e decisivo na garantia do sucesso escolar dos educandos e no processo de ensino-aprendizagem executado pelos professores na sala de aula. Como foco de análise, esta monografia optou pelo estudo de caráter bibliográfico. Onde tem sido colocada em evidência na escola, a influência da família no processo de ensino-aprendizagem dos alunos como um dos relevantes aspectos que contribuem para o desinteresse e fracasso escolar dos educandos e à sua escola de um modo geral, o sucesso do processo de aprendizagem é motivo de preocupação e planejamento das escolas, na qual, as mesmas buscam melhorar para se adequarem aos novos padrões sociais, e inovadores da prática educativa. Nessa direção, o problema de pesquisa do presente estudo questiona: Qual a influência da família como currículo oculto no ensino fundamental? As hipóteses do estudo partem do pressuposto de que: a família influencia a educação dos filhos e a prática pedagógica do professor na sala de aula, bem como, a organização, orientação e administração de uma escola, prejudicando assim, a promoção de uma educação formal, completa, sistematizada e de qualidade para os alunos. Como também, é a participação da família na educação dos filhos que contribui para o despertar dos interesses necessários e pertinentes ao processo de aprendizagem e atuação na vida social. Finalmente, a família também é um agente responsável direto pelo o sucesso escolar. O objetivo maior desse estudo busca investigar a influência da família como currículo oculto, e o interesse pelo tema surgiu da necessidade de refletir sobre a participação da família no âmbito escolar, tendo em vista, que o papel desta é garantir o sucesso dos filhos no seu processo de ensino-aprendizagem. Ademais, trago algumas reflexões pessoais sobre a temática de forma genérica na educação brasileira, e lanço algumas propostas de intervenção pedagógica que solucionem o problema.

Palavras – chave: Influência da família. Currículo Oculto. Práticas Pedagógicas

ABSTRAT

This study aims to investigate the influence of the family as hidden in the elementary school curriculum, since it has a key and decisive role in ensuring the academic success of students and the teaching-learning process performed by teachers in the classroom. Analytical focus, this monograph chose bibliographical. Where it has been placed in evidence in the school, the family's influence in the teaching and learning of students as one of the important aspects that contribute to school failure and disinterest of the students and their school in general case, the success of the process learning is of concern and planning of schools, in which, they seek to improve to suit the new social patterns, and innovative educational practice. In this sense, the research problem of this study asks: what is the influence of the family as the hidden curriculum in elementary school? The study hypotheses based on the assumption that: the family influence the education of children and the pedagogical practices of the teacher in the classroom, as well as the organization, direction and administration of a school, thus hindering the promotion of formal education, comprehensive, systematic and quality for students. As well, it is family involvement in children's education that contributes to the awakening of interests necessary and relevant to the learning and performance in the social process. Finally, the family is also a direct agent responsible for school success. The major objective of this study aims to investigate the influence of the family as the hidden curriculum, and interest in the subject arose from the need to reflect on family involvement in schools, with a view that the role of this is to ensure the success of the children in the process teaching and learning. Furthermore, bring some personal reflections on the theme generically in Brazilian education, and haul some proposals for pedagogical intervention that solve the problem.

Key – words: Family Influence, Hidden Curriculum. Pedagogical Practices

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. CURRÍCULO: DO CONCEITO E TEORIA AO SEU USO PRAGMÁTICO ESCOLAR.....	14
2.1 Conceito de teoria de currículo	16
2.2 Definição de currículo: visão tradicional, crítica e pós críticas.....	18
2.3 Olhar contemporânea no currículo.....	23
3. ENCONTRANDO O CURRÍCULO OCULTO.....	27
3.1 Definição de currículo oculto: Do paradigma tradicional ao contemporâneo.....	29
4.FAMÍLIA E SUA INFLUÊNCIA COMO CURRÍCULO OCULTO NO ÂMBITO ESCOLAR.....	32
5. METODOLOGIA DA PESQUISA.....	35
5.1 Caracterização da pesquisa realizada.....	35
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
7. REFERÊNCIAS.....	40

INTRODUÇÃO

Atualmente é possível perceber uma mudança de comportamento dos educandos em relação ao seu processo de aprendizagem, pois muitos se comportam de forma desinteressada, violenta e com um interesse voltado para assuntos não contidos no currículo formal e planejamento dos professores. Conforme destacam os autores Najle & Júnior (2007):

Os professores têm enfrentado muita dificuldade em seu trabalho, pois os alunos não se sentem motivados para aprender, alguns querem apenas conversar com os colegas, outros escutam música, além de apresentar comportamentos agressivos e, muitas vezes, violentos em relação aos professores.

Em decorrência disso, as instituições de ensino e os educadores sentem uma grande necessidade de adaptar-se a pressão social, cultural e econômica, na qual, a escola está inserida.

O ponto que mais se faz necessário a nossa atenção é o currículo, visto que ele constitui uma parte importante no processo de ensino, pois integra e efetiva a experiência dos alunos na vida escolar. Portanto, ao observar a dialética existente no mesmo, percebe-se outra maneira não formalmente organizada de currículo, na qual, o seu uso de maneira hegemônica chega à escola através de uma prática de ensino isolado, paralelo e involuntário, realizado pela família, quando orienta o comportamento e aprendizado dos filhos. Expressa Silva (2006, p.4) “que esse *currículum* peculiar constitui uma parte integrante e efetiva da experiência do aluno na escola e ninguém já contesta a sua influência e importância”.

Definido pelos teóricos Jackson(1968) Apud Silva (2011) e Apple(1994) Apud Silva(2011) como “Currículo Oculto”, este tipo de paradigma curricular não é abordado na programação escolar, mas interfere no trabalho do professor e principalmente na aquisição do saber do aluno. Acerca disso diz Silva (2006, p. 4) “o currículo oculto é este fluir de acontecimentos. É uma corrente contínua que está presente, desde que o elemento humano também o esteja”.

As modificações visíveis no âmbito escolar que de certo modo, tem provocado uma maior reflexão em relação ao currículo executado no Ensino Fundamental, nos

remetem a investigar, também, a influência familiar em relação aos valores éticos, morais e culturais nesta modalidade de ensino.

Neste sentido, o presente trabalho visa motivar e torna clara a convergência entre Currículo Oculto e a influência familiar no Ensino Fundamental, como as possíveis causas que provocam transformações de comportamento dos alunos na sua vida escolar e cotidiana. Portanto, é de suma importância levantar as seguintes questões: Como a família colabora com a bagagem cultural trazida pelos alunos para a sala de aula e escola na forma de currículo oculto? Qual é a influência da família no comportamento dos alunos nas séries iniciais do ensino fundamental? Qual é a influência do currículo oculto sobre a atividade didática dos professores? Concebe-se que as questões propostas poderão favorecer uma compreensão de que, neste caso, pode desvelar aquilo que está escondido, implícito, especialmente por implicar nas relações interpessoais que envolvem o aprendizado.

Para atingir esses fins, iniciamos este trabalho por uma produção conceitual sobre currículo e currículo oculto, pois de forma autônoma estes dois termos tocam-se e entrelaçam. E assim poderemos observar o que prevalece na natureza e espaço do currículo.

Em seguida trataremos dos diálogos em torno da problemática e modificações do currículo didático realizados pelas as instituições de ensino do nível fundamental, que nos mostram o quanto o papel da família e da escola precisa ser estreitado no processo de ensino escolar, pois sempre foi visível a influência da família na educação dos filhos, nesta perspectiva as escolas devem entender e valorizar a bagagem cultural, ou seja, o aprendizado realizado pela a família e trazido pelos alunos para a sua vida escolar, como parte importante para o desenvolvimento cognitivo e educacional de uma criança. Segundo Nascimento (2011, p. 10).

Em contrapartida, a necessidade da escola em valorizar as vivências trazidas pela criança, levando-a ao saber, promovendo uma educação libertadora baseada nas experiências e na realidade em que vivem e na compreensão de qual o papel desempenhado pela família e pela escola no que se refere à participação efetiva dos pais na vida escolar dos filhos, analisando como esta parceria pode contribuir para a formação plena do indivíduo.

O segundo ponto enfatizara sobre a influência da família como currículo oculto no Ensino Fundamental. Neste sentido os sistemas de ensino e os docentes são vistos como parte integrante no processo de desenvolvimento educacional dos alunos, onde escola e família precisa a cada dia aproximarem-se mais. Para assim, buscar caminhos metodológicos mais contextualizados com a sua realidade. Por isso, entendemos como um desafio atual para os profissionais da educação, o reconhecimento da influência familiar no processo de ensino, e a aceitação da mesma, como uma tendência disposta a derrubar os estereótipos que seguram o currículo programático formal da escola como único responsável pelo aprendizado sistemático dos alunos.

Sendo assim, percebemos o trabalho didático do professor direcionado a uma reflexão sobre a sua metodologia, o educador no seu dia a dia, sente a presença de outra forma de educar não definido e programado no currículo formal do ensino, mas que faz parte de uma agenda escondida do ensino. Claramente explicado nas palavras de Maciel (2007), o currículo oculto aparece desde a determinação dos objetivos pedagógicos do projeto escolar, até na prática pedagógica do professor.

Para finalizarmos, é preciso uma mudança de pensamento por parte dos educadores em relação ao papel do currículo no processo de aprendizagem dos alunos, pois atualmente, ele precisa ser visto como um projeto dialético e de formação educacional. Como discute Silva (2006, p. 6), numa panorâmica geral acerca do assunto o currículo pode ser visto como projeto educativo e projeto didático. Somente assim, as instituições de ensino e os educadores conseguiram proporcionar uma educação inovadora e de qualidade.

CURRÍCULO: DO CONCEITO E TEORIA AO SEU USO PRAGMÁTICO ESCOLAR

Ao longo do tempo o currículo passou por vários processos de transformação e definição, muitas vezes, sendo visto como as experiências vividas pelos alunos, planejadas, organizadas e executadas pela a escola. Afirmado por Silva (2006, p. 7) “como se viu o curriculum surge como uma série de experiências educativas organizadas e executadas pela escola e que, ao mesmo tempo, são experiências vividas pelos alunos sob a orientação da escola”.

Outra definição, no qual, o currículo está relacionado refere-se ao seu uso pragmático, onde o mesmo deve ser visto como um objeto de trabalho, ou seja, precisa ser manuseado, tocado e moldado. Neste sentido o conceito de currículo faz parte das atividades humanas e não podem ser entendidas como um instrumento acabado, mas em constante processo social, econômico e histórico. Silva (2006, p. 8), antes de mais se deve tratar o curriculum como um instrumento de trabalho, um artefato nas mãos dos homens.

Compreender o conceito de currículo é de suma importância para os educadores, pois deste entendimento, eles poderão defini-lo e conhecer as várias teorias que permeiam os processos educacionais. Poderíamos iniciar este debate entorno de algumas definições teóricas que surge nas discussões das instituições de ensino e no cotidiano dos educadores. De acordo com Lopes (2006, contra capa):

[...] o currículo se tece em cada escola com a carga de seus participantes, que trazem para cada ação pedagógica de sua cultura e de sua memória de outras escolas e de outros cotidianos nos quais vive. É nessa grande rede cotidiana, formada de múltiplas redes de subjetividade, que cada um de nós traçamos nossas histórias de aluno/aluna e de professor/professora. O grande tapete que é o currículo de cada escola, também sabemos todos, nos enreda com os outros formando tramas diferentes e mais belas ou menos belas, de acordo com as relações culturais que mantemos e do tipo de memória que nós temos de escola [...].

Essa teoria encontra-se na mesma linha de pensamento de Silva (2011, p.15) “o currículo é sempre resultado de uma seleção, de um universo mais amplo de conhecimentos e saberes, seleciona-se aquela parte que vai constituir, precisamente, o currículo”.

Outro conceito em relação ao currículo e que converge com o entendimento destes dois teóricos é a definição de Sacristán (2000, p.15):

[...] conjunto de conhecimentos ou matérias a serem superadas pelo aluno dentro de um ciclo-nível educativo ou modalidade de ensino; o currículo como experiência recriada nos alunos por meio da qual podem desenvolver-se; o currículo como tarefa e habilidade a serem dominadas; o currículo como programa que proporciona conteúdos e valores para que os alunos melhorem a sociedade em relação à reconstrução da mesma [...]

As teorias expostas por esses teóricos definem currículo de forma relevante, pois trata o mesmo não como uma lista de conteúdos a serem trabalhados de forma sistemática pelos educadores, mas como um processo cultural em que envolve os conhecimentos desenvolvidos nas relações interpessoais da sala de aula. Nas palavras de Sabaini (2007, p. 3) “o currículo é processo constituído por um encontro cultural, saberes, conhecimentos escolares na prática da sala de aula, locais de interação professor e aluno”.

Desta forma, os levantamentos reflexivos sobre currículo, proporcionaram aos profissionais da área educacional subsídios de orientação para o seu trabalho pedagógico, além de valorizar a formação cognitiva e didática dos professores. Tornando este ponto o que de fato importa para um docente.

O conhecimento sobre as teorias que estão envolto o currículo nos direciona também, a nos questionar os aspectos político e pedagógico, no qual, ele está envolvido como, por exemplo, para que serve a quem serve e quais atividades pedagógicas elaboram o Currículo. Sabaini (2007, p. 7) “eles são elaborados com orientações políticas e pedagógicas”. Ou seja, é produto de grupos sociais que disputam o poder.

Para os educadores, os estudos e questionamentos levantados sobre currículo não poderão responder as dúvidas dos profissionais da educação como: as dificuldades de ensino-aprendizagem, desinteresse, indisciplina, valorização dos docentes, o baixo rendimento escolar e etc. Podem, sobretudo, demonstrar que os currículos são dialéticos e não se apresentam neutros.

Diante disso o currículo, longe de ter um estado inerte e neutralizado, ele promove uma escola de massa, organizada e planejada de forma dinâmica, repleto de

comunicação e sociabilidade e envolvimento em um ambiente rodeado de questões políticas e econômicas em um determinado tempo histórico.

Conceito de teoria de currículo.

Iniciaremos este ponto lembrando a definição de “Teoria”, onde a mesma apresenta-se de maneira escondida, ou seja, no sentido de desvelar algo que está implícito no real, assim construindo um ponto de convergência entre a teoria e a realidade. Segundo Silva (2011, p. 11):

Em geral, está implícita, na noção de teoria, a suposição de que a teoria “descobre” o “real”, de que há uma correspondência entre a “teoria” e a “realidade”. De uma forma ou de outra, a noção envolvida é sempre representacional, especular, mimética: a teoria representa, reflete, espelha a realidade.

Neste sentido, este conceito de teoria supõe algo que precisa ser descoberto e explicado, na qual seria o currículo. Silva (2011, p.11). O currículo seria um objeto que precederia a teoria, a qual só entraria em cena para descobri-lo, descrevê-lo, explicá-lo.

Outra definição sobre a teoria aparece na visão pós-estruturalista, na atualidade, está voltado para as questões sociais e culturais, ela vê a teoria de currículo, não só como responsável pelo desvelamento de algo da realidade, mas também na sua produção. Na medida em que a teoria do currículo realiza a descrição de um objeto, ela o inventa-o. Silva (2011, p.11). O objeto que a teoria supostamente descreve é, efetivamente, um produto de sua criação.

Dentro dessa visão, podemos observar a importância significativa da teoria como discurso ou texto político. Pois um discurso do currículo mesmo que tenha apenas a preocupação de explicar e discriminar o objeto de acordo como se apresenta na realidade, ele apenas cria uma noção curricular. Diferente da “teoria” que está dentro de um sistema circulatório e descreve como desvelado um objeto produzido por ela mesmo, ou seja, cria e desvela, e depois este mesmo objeto é reconhecido como descoberto. Na explicação de Silva (2011, p.12):

[...] Um discurso sobre o currículo, mesmo que pretenda apenas descrevê-lo “tal como ele realmente é”, o que efetivamente faz é produzir uma noção

particular de currículo. Do ponto de vista do conceito pós-estruturalista de discurso, a “teoria” está envolvida num processo circular: ela descreve como uma descoberta algo que ela própria criou [...]

Utilizando da noção de discurso, percebemos outra vantagem ela nos dispensa, se permanecer no conceito de teoria tradicional, de obrigatoriamente separar as verdades sobre a realidade, das verdades de como a realidade seria. Onde as realidades nesta perspectiva funcionam de forma similar. Confirmado por Silva (2011, p.13) “da perspectiva da noção de discurso, estamos dispensados dessa operação, na medida em que tanto supostas asserções sobre a realidade quanto asserções sobre como a realidade deveria ser têm efeitos de realidade similares”.

Outro questionamento em que se encontra a teoria de currículo é a de saber qual conhecimento deve ser ensinado, tornando importante a pergunta “o que?”. Precedido desta pergunta segue outra, “o que as pessoas devem se tornar?”. Pois a decisão da importância do tipo de conhecimento que deve ser escolhido, está ligado a escolha do tipo de sujeito que ela considera ideal para uma determinada sociedade, Afinal a cada modelo de cidadão ideal, será adequado um tipo de conhecimento e currículo.

As teorias do currículo também se concentram nas questões de identidade e subjetividade, geralmente nas conversas ou planejamentos acontecidos ao longo do cotidiano escolar e pedagógico, os educadores costumam tratar o currículo unicamente como conhecimento. Esquecendo da ligação intrínseca que existe com a relação do que somos e do que nos tornamos. Acerca disso, diz Silva (2011, p.16) “talvez possamos dizer que, além de uma questão de conhecimento, o currículo é também uma questão de identidade”.

Ainda em relação à perspectiva pós-estruturalista, o currículo é visto dentro de uma relação de poder, bem como, as teorias do currículo, quando determinam o que o currículo deve fazer, estão também relacionadas a questões de poder. Pois à medida que as teorias trabalham em busca de uma ação consensual e hegemônica, elas se caracterizam no meio da sociedade, ou seja, num lugar possível de questionamentos. Silva (2011, p. 16), estudioso das questões do currículo, afirma:

As teorias do currículo estão ativamente envolvidas na atividade de garantir o consenso, de obter hegemonia. As teorias do currículo estão situadas num campo epistemológico social. As teorias do currículo estão no centro de um território contestado.

Por fim, como podemos ver, a teoria é definida de acordo com a sua visão de realidade, e seus conceitos leva-nos a desvelar coisas que só através deles podemos ver, assim também, organizando e estruturando nosso modo de perceber o mundo. É preciso observar o que as teorias do currículo propõem na sua grade curricular e como isso se implica na nossa prática pedagógica. No esclarecimento de Silva (2011, p. 17) “os conceitos de uma teoria dirigem nossa atenção para certas coisas que sem elas não veríamos. Os conceitos de uma teoria organizam e estruturam nossa forma de ver a realidade”.

O estudo das teorias do currículo não garante soluções para todas as questões que envolvem a problemática educacional, mas funciona como abertura de um leque para as discussões sobre o currículo, presentes no âmbito das instituições escolares. Portanto é de suma importância, conhecer e entender as diferentes teorias e discursos educacionais que orientam as escolhas em relação aos conteúdos, os métodos para obtê-los e a comprovação do seu sucesso.

Definição de currículo: visão tradicional, crítica e pós-críticas

De certo modo quando falamos dos conceitos curriculares, não podemos deixar de rever as diversas teorias que historicamente fizeram parte da construção organizacional do currículo no processo de ensino aprendizagem das instituições de ensino e das atividades pedagógicas dos docentes. Para conseguir distinguir as diferentes teorias devemos direcionar a nossa atenção para a especificidade dos seus conceitos, pois as transformações sofridas nesse campo foram marcadas pela a necessidade de mudança em relação à forma de ver as práticas de ensino de cada época.

Dessa forma destacamos pontos relevantes para a distinção entre essas teorias, e que de alguma forma, enfatizam a importância histórica de cada uma e a sua presença nos discursos retóricos do processo de ensino. As teorias tradicionais são reconhecidas pelo seu destaque representativo de neutralidade, preocupação com as questões científicas e sua ênfase na aprendizagem, metodologia, avaliação, didática, planejamento, eficiência e objetivos. As teorias críticas se caracterizam por sua conexão com as questões sociais, culturais, poder, ideologia, conscientização e emancipação. Como as teorias críticas as pós-críticas, também, se destacam em relação ao poder, identidade, subjetividade, discurso, as posturas em relação à cultura, etnia, raça, sexualidade, gênero e multiculturalismo. Para melhor entender estas teorias neste capítulo será abordado de forma específica os fundamentos e argumentos discursivos que sustentam cada uma delas.

Iniciaremos com a teoria tradicional, que durante o seu período de maior credibilidade e pragmatismo foi marcada por sua inércia e aceitação do “status quo”, ou seja, estado de aceitar a realidade como ela se apresenta e suas asserções da organização social, sendo também responsável pela a divulgação do discurso, conhecimento e saberes da classe dominante, assim tornando-se uma teoria tecnicista. Afirmado nas palavras de Silva (2011, p.16) “as teorias tradicionais, ao aceitar mais facilmente o status quo, os conhecimentos e os saberes dominantes, acabam por se concentrar em questões técnicas”.

Outro ponto que define a teoria de currículo tradicional é a sua extrema preocupação com as questões organizacionais. Onde não podemos deixar de citar a contribuição teórica de Bobbitt, quando afirma Silva (2011, p.24) “na perspectiva de Bobbitt, a questão do currículo se transforma numa questão de organização”. Pois para ele o que importava era organizar o currículo de forma burocrática e técnica, reforçando a educação de maneira consolidada com o que ele chamava de “desenvolvimento curricular”, expressão está que determinou as questões curriculares durante todos os anos 80. Assim montando o currículo para produzir nas instituições de ensino, profissionais preparados para a vida sócio econômica, conseqüentemente transformando a educação em um processo de desenvolvimento técnico.

Outra contribuição com a teoria tradicional se deu aos estudos de Tyler, no qual, consolidou e aprimorou os conceitos de Bobbitt, de maneira que influenciou o campo do currículo durante quatro décadas. Claramente explicado por Silva (2011, p.24-25):

Com o livro de Tyler, os estudos sobre currículo se tornam decididamente estabelecidos em torno da ideia de organização e desenvolvimento. Apesar de admitir a filosofia e a sociedade como possíveis fontes de objetivos para o currículo, o paradigma formulado por Tyler centra-se em questões de organização e desenvolvimento. Tal como no modelo de Bobbitt, o currículo é, aqui essencialmente, uma questão técnica.

Assim podemos observar a preocupação limitada da teoria tradicional em manter uma postura questionadora mediante o processo educacional, os discursos dominantes e o conhecimento. Esta teoria contribuiu com o processo curricular, mas diante da dialética e as exigências sociais e educacionais, foi questionada e vencida pelos conceitos da chamada “teoria crítica”.

Mediante ao objetivo resumido da teoria tradicional, iremos citar alguns pontos relevantes da teoria crítica que contrapõe a essa teoria. Como por exemplo: a sua postura questionadora, desconfiada, transformadora de realidade e a despreocupação em trabalhar o técnico, ou seja, “como fazer” o currículo, focando o seu interesse em desenvolver conceitualmente “o que o currículo pode fazer” no processo de aprendizagem. Silva (2011, p. 30) diz que:

As teorias críticas são teorias de desconfiança, questionamento e transformação radical. Para as teorias críticas o importante não é desenvolver técnicas de como fazer o currículo, mas desenvolver conceitos que nos permitam compreender o que o currículo faz.

O aspecto ideológico da teoria crítica parte da influência conceitual de Louis Althusser, retratado no seu famoso ensaio, “A ideologia e os aparelhos ideológicos de Estado”, onde esses escritos baseiam-se nas críticas marxistas da educação. Este teórico acredita na atuação ideológica do currículo no processo de ensino dos alunos, pois esta postura pode ser vista na aplicação de algumas disciplinas que de certa forma deixa explícito a sua intencionalidade de transmitir as crenças e estruturas sociais. Silva (2011, p. 31-32), afirma:

A escola atua ideologicamente através de seu currículo, seja de uma forma mais direta, através das matérias mais suscetíveis ao transporte de crenças explícitas sobre a desejabilidade das estruturas sociais existentes, como Estudos Sociais, História, Geografia, por exemplo; seja de uma forma mais indireta, através de disciplinas mais “técnicas”, como Ciências e Matemática.

Outra contribuição deste teórico em relação à teoria crítica, pode ser vista no seu conceito ideológico capitalista de discriminação, que demonstra as consequências do currículo em relação as pessoas dentro da sociedade, ou seja, as classes subalternas de acordo com o trabalho curricular é estimulada a se tornarem passivas e obedientes. As classes dominantes são preparadas para o controle e o comando. De acordo com as observações de Silva (2011, p. 32) “a ideologia atua de forma discriminatória: ela inclina as pessoas das classes subordinadas à submissão e à obediência, enquanto as pessoas da classe dominante aprendem a comandar e a controlar”.

Isso é a segurado pelo o processo seletivo, causadores da evasão escolar, que fazem as crianças das classes dominadas a não permanecerem na escola tempo suficiente para aprender as habilidades que são características da classe dominante e de uma sociedade capitalista. Neste sentido a educação tem como objetivo principal trabalhar conteúdos voltados para a produção.

Os teóricos Bourdieu & Passeron (1975) Apud Silva (2011) com o conceito do capital cultural também contribuirão com a teoria crítica, e diferente da maioria das críticas, eles não acreditam que a escola funciona apenas, na aplicação da cultura dominante, mas sim na exclusão. Pois em relação ao currículo compreendem os mesmos, com sua base e expressão na cultura dominante, mas a sua transmissão acontece através de um código cultural dominante, e de certo modo, faz com que as crianças da classe dominada tenham uma redução na aprendizagem, e a classe dominante chegue a níveis elevados de escolarização por conviverem em um ambiente familiar e cultural propício a se sentirem a vontade e capazes de decifram esse código. Como refere Silva (2011, p. 35) “o currículo da escola está baseado na cultura dominante: ele se expressa na linguagem dominante, ele é transmitido através do código cultural dominante”.

A proposta pedagógica desses teóricos é definida como “pedagogia racional”, ou seja, tem como objetivo oportunizar para as crianças da classe dominada as mesmas oportunidades e condições, que a classe dominante possui familiarmente.

Todos estes conceitos desenvolveram-se durante alguns anos e basicamente formaram a teoria crítica. Mas apesar da sua contribuição com a organização curricular essa teoria foi posteriormente criticada e questionada, principalmente pelo o que a precedeu como teoria pós-crítica, por sua ênfase nas questões econômicas, poder e ideologia.

Mesmo concordando em alguns pontos a teoria pós-crítica foi caracterizada por uma mudança de pensamento em relação aos meios de dominação, pois diferente da teoria crítica que trata de forma específica, ou seja, o poder era visto apenas nas ligações de classes sociais, ela observa essa questão nas relações de gênero, etnia, raça e sexualidade. Assim as teorias pós-críticas modificam e ampliam o que as teorias críticas nos ensinaram e conceituaram. No qual, se refere Silva (2011, p.146):

A análise da dinâmica de poder envolvida nas relações de gênero, etnia, raça e sexualidade nos fornecem um mapa muito mais completo e complexo das relações sociais de dominação do que aquele que as teorias críticas, com sua ênfase quase exclusiva na classe social, nos tinham anteriormente fornecido.

Essa teoria descentraliza o poder, afirmando que o mesmo está presente em todas as relações sociais. Ela questiona todas as representações de liberdade de poder. Sua relação com o conhecimento não é tratado como algo que contesta o poder, mas como algo que faz parte dele, estando efetivamente envolvidos em representações e significações. Assim, Silva (2011, p. 149) explica “todo conhecimento depende da significação e esta, por sua vez, depende de relações de poder. Não há conhecimento fora desses processos”.

As teorias pós-críticas desconfiam de alguns conceitos claramente definidos pelas as teorias críticas como alienação, emancipação, libertação, autonomia, pois não entendem estas definições como algo modificado, mas necessitados de renovação.

Para finalizar este trecho é interessante ressaltar a importância das teorias pedagógicas, pois elas nos permitem a perceber como aconteceu o processo de formação e organização dos currículos dentro das relações históricas e sociais das

instituições de ensino, e como este pensamento possibilita condições para buscar caminhos alternativos para as melhorias educacionais e do trabalho cotidiano dos educadores. Onde devemos lembrar que somente estes conceitos teóricos não podem orientar totalmente a prática docente, pode até contribuir com educadores e profissionais da área da educação, na medida do possível, e das suas possibilidades em resposta aos seus desafios. O que se faz de grande importância a cada dia para o processo educacional é o compromisso ético dos docentes com o seu trabalho.

Olhar contemporânea no currículo

Atualmente o sistema de ensino está bombardeando os sujeitos com ideologias não declaradas de maneira explícitas. No cotidiano dos educadores sente-se uma necessidade de mudança em relação ao verdadeiro objetivo escolar, principalmente no que está relacionado ao seu currículo. Percebe-se que a sua prática pedagógica não atende aos anseios do alunado, pois a cada dia está mais próximo da tecnologia e da educação não formal encontrada na sociedade. Apesar de constantemente buscarmos através dos estudos e pesquisas se aproximarem desta realidade observamos o que está sendo feito como um fator de insuficiência para acompanhar a aprendizagem efêmera e inquieta dos alunos.

Quando a educação reflete sobre os diversos conceitos teóricos, frequentemente, em busca de um concerto histórico ou uma não repetição de erros, percebem que ao utilizar das teorias tradicionais possivelmente não atenderá a esse fluir educacional, pois funciona dentro da sua neutralidade, técnica e desinteresse, as críticas contrapõem a tradicional com o seu conceito relacional de poder. As teorias pós-críticas apesar de aparecerem nas questões nacionais, podendo ser encontradas nos indicadores dos Parâmetros Curriculares Nacionais-PCNs, temas transversais com sua abordagem nas questões: ética, saúde, orientação sexual, meio ambiente, trabalho, consumo e pluralidade cultural, bem como, no campo literário do multiculturalismo, de forma específica pouco aparecem nos currículos prescritos. Expressa Silva (2011, p. 5) quando analisa:

As teorias tradicionais consideram-se neutras, científicas e desinteressadas, as críticas argumentam que não existem teorias neutras, científicas e desinteressadas, toda e qualquer teoria está implicada em relações de poder. As pós-críticas começam a se destacar no cenário nacional, os currículos existentes abordam poucas questões que as representam. Encontramos estas dimensões nos PCNS, temas transversais (ética, saúde, orientação sexual, meio ambiente, trabalho, consumo e pluralidade cultural) e em algumas produções literárias no campo do multiculturalismo.

Mas o que de fato se torna importante para qualquer teoria é descobrir quais conhecimentos devem ser trabalhados e as justificativas para a escolha destes conhecimentos, evitando o ensino acumulativo de conteúdo, que muitas vezes são transmitidos de acordo com os seus conceitos não com as necessidades que a educação atual necessita.

Os docentes na sua vida não dispõem de tempo de planejamento nas unidades escolares para refletir sobre Teoria do Currículo e Currículo, especialmente quando fazem o planejamento semestral, bimestral ou anual, pensa na distribuição dos conteúdos e define os conteúdos a serem trabalhados com a justificativa da sua necessidade de compreensão para o ano letivo seguinte, pois entende que a falta desse conteúdo para o aluno causara dificuldades no seu aprendizado.

Os educadores observam na sua prática pedagógica, a influência das Teorias Tradicionais e críticas, na escolha dos conteúdos a serem trabalhados, por isso, precisam entender cada vez mais a ligação entre currículo e sociedade. Como observa Sacristán (2000, p. 101-102) “o currículo praticado reflete diversas decisões que são tomadas não apenas pelos professores”. Assim as decisões sobre o currículo envolvem tanto as questões de relação como as de construção social, no qual os alunos também participam.

O currículo de fato torna-se o indicador das ações escolares. Como afirma Moreira (2008, p. 19) “pode-se afirmar que é por intermédio do currículo que as “coisas” acontecem na escola”. Onde a presença do currículo não acontece apenas na transmissão dos conteúdos, mas também na dialética das relações interpessoais entre o professor-aluno durante o seu contato na sala de aula. Por isso a maneira como os docentes se comporta ou aplicam os conteúdos no espaço escolar indica a sua compreensão em relação aos conhecimentos trabalhados.

Portanto atualmente a função curricular não está voltada apenas para a reflexão de uma realidade inerte, mas de um pensar social e histórico, com um retorno da ideia da diferença de postura em relação ao que poderia ter sido, ou futurista do como ainda pode ser. Assim os docentes são convocados para um esforço participativo maior na construção de um currículo mais interessante e democrático para a escola. Afirmado nas palavras de Moreira (2008, p. 19) “daí nossa obrigação, como profissionais da educação, de participar crítica e criativamente na elaboração de currículos mais atraentes, mais democráticos e mais fecundos”.

Para que se promova esta mudança estrutural na construção do currículo, a tendência atual também está direcionada para a busca de embasamentos legais para o trabalho pedagógico, onde estas possibilidades são encontradas na LDB (Lei de Diretrizes e Bases), as Diretrizes Curriculares Nacionais, e as Propostas Curriculares Estaduais e Municipais. Pois uma das funções do currículo é promover uma seleção das atividades que considera importante e necessária para aquisição de conhecimento do novo alunado e cidadão que se pretende forma.

Apesar desta diferença de pensamento e postura no âmbito das escolas, observamos uma grande dificuldade de interação entre os conteúdos escolares e a vida cotidiana dos alunos, no qual, a metodologia dos educadores investe mais no uso de temas transversais, projetos interdisciplinares, e criação de novas disciplinas voltadas para o consumidor, educação fiscal, meio ambiente e sustentabilidade, tudo com a intenção de atender as necessidades sociais. Segundo os estudos de Sabaini (2007, p. 7) “ultimamente utilizamos de temas transversais, projetos especiais e há até sugestões de criar novas disciplinas, como direito do consumidor, educação fiscal, ecologia, para dar conta desta realidade imediata”.

Mas as análises das discussões sobre o currículo, não avançaram, mediante a tradição de transferências de responsabilidades das decisões educacionais, a rotina escolar em que estão submetidos os profissionais da educação, condições de trabalho ou puramente pela falta de entendimento e compreensão dos atuais projetos políticos pedagógicos que os governantes procuram implantar.

Atualmente a escolha de ser professor tornar-se desafiadora, especialmente porque ele precisa desenvolver a capacidade de decidir quais conhecimentos sociais,

conteúdos e disciplinas são importantes, e que conceitos de educação, sociedade, e pessoa condiz com os projetos curriculares.

A educação em geral, está passando por algumas reformulações em relação ao planejamento curricular, pois na atualidade ocorrem debates que conseqüentemente geram divergências de opiniões, existem os que apoiam os currículos por competências e habilidades, os que preferem os científicos e pragmáticos, e os que direcionam a sua relevância para a diversidade e a cultura, enfim as teorias tradicionais, críticas e pós-críticas permanecem no âmbito das discussões de forma conflituosas.

Mediante essa complexidade educacional que pode ser representado por diferentes conceitos, teorias e práticas diversificadas, o estudo sobre elas, torna-se de grande importância para as atividades pedagógicas do educador, pois dessa forma ele vai adquirir conhecimentos suficientes para posiciona-se dentro de um pensamento crítico.

Essas posições indicam que o currículo progressivamente precisa definir-se de maneira aberta, reflexiva e atenciosa as falas e autonomia da diversidade de elementos e sujeitos inseridos na sua prática.

ENCONTRANDO O CURRÍCULO OCULTO

Alguns educadores às vezes se posicionam em relação à organização e estrutura das salas de aula de maneira nostálgica, pois dentro do seu formato clássico e tradicional, as carteiras eram arrumadas em filas, condicionando os alunos a sentarem de forma geométrica, e permanecerem à espera do professor, para que as aulas fossem ministradas, demonstravam um grande respeito por todos e eram orientados pela a família para se comportarem, de forma que aproveitassem de todo o ensino que a escola pudesse oferecer.

Esse cenário pouco é visto no âmbito das instituições escolares, o alunado e a forma de pensar na nossa atualidade sofreram várias modificações. A educação não nos permite pensar no ensino de forma tão restrita, e especificamente reduzida ao trabalho pedagógico da sala de aula. Ela força um olhar dos profissionais da educação de forma global, onde o aprendizado deve ser realizado pensando no meio social, econômico, político e cultural, no qual os educandos estão inseridos. Segundo Barbosa (2004, p. 40):

Penso que a educação necessita ser vista em um contexto mais amplo, além das fronteiras das instituições formais. Os processos de aprendizagem sejam de manutenção ou contestação às relações de poder dominante da sociedade, também precisam ser entendidas como fenômenos que ocorrem em instâncias e situações diferentes ao longo da vida.

Observamos a influência da família na educação formal e informal dos filhos, os meios de comunicação como: a internet, celulares, rádio e televisão, bem como as guerras, a fome a destruição ecológica do meio ambiente e a dificuldade de mão de obra capacitada para o trabalho, como pontos que sensibilizam e determinam a mudança de comportamento dos alunos na sua vida escolar. Dentro das escolas isso não consta no currículo oficial e nem nos planos de aula, na maioria das vezes são questões tratadas de forma aleatória e desvalorizadas por parte dos educadores.

Esse tipo de comportamento desinteressado dos educadores para as questões sociais, políticas e culturais que gira entorno dos alunos, provocam consequências graves no contato professor-aluno e nos objetivos educacionais que as escolas e

professores pretendem atingir em relação ao processo de ensino e aprendizagem dos alunos.

Dessa forma devemos utilizar da influência da família e sociedade no currículo oficial, pois a sua participação constante nas situações cotidianas da escola e sala de aula, constitui o que alguns estudiosos da causa da educação chamam de currículo oculto. Nas palavras de Silva (2006, p.04):

O curriculum escondido referir-se-ia aos efeitos educativos “não acadêmicos” que a escola parece promover, mas que não são explicitamente visados pelo curriculum formal; tais consequências têm a ver, de um modo geral, com aquisição de valores, socialização, manutenção da estrutura de classes sociais e fomento de atitudes de conformismo.

Assim o encontro com o currículo Oculto, e o seu reconhecimento como parte da formação do educando, possibilitará a construção de laços de proximidade e uma mudança na forma como os alunos percebem a escola, a educação formal e de valores. Não significando uma diminuição de autoridade e respeito, tão necessários na relação professor-aluno.

Os trabalhos realizados em relação às questões de valores, frequentemente são tratados e organizados como atividades extracurriculares. Podendo ser percebidas também, mediante as manifestações de comportamento dos alunos na sala de aula, especialmente quando expressão os seus valores, sexuais, religiosos, culturais, étnicos e de gênero. Sendo assim, entendemos Currículo Oculto como todas as formas de expressões simbólicas de valores, costumes, religião, gênero, raça, sexo e etc. representado pelos alunos na escola, e não constando no currículo oficial. Silva (2011, p. 78) esclarece:

O currículo oculto é constituído por todos aqueles aspectos do ambiente escolar que, sem fazer parte do currículo oficial, explícito, contribuem, de forma implícita para aprendizagens. O que se aprende no currículo oculto são fundamentalmente atitudes, comportamentos, valores e orientações.

Pois o uso de valores morais como seriedade, disciplina, responsabilidade e compromisso, ajusta-se a dialética, o cooperativismo, o carinho, a consideração, no qual, os novos conhecimentos procuram desenvolver-se.

Definição de currículo oculto: do paradigma tradicional ao contemporâneo.

O currículo oculto tem sido objeto de curiosidade e estudo durante as últimas décadas. Mas apesar deste currículo fazer parte do ambiente escolar e exercer um papel representativo no campo das configurações de significados e determinações de valores, os profissionais da educação no geral, habitualmente não está atento ou capacitado para detectar a sua presença.

Não sendo reconhecida exatamente como uma teoria a proposta deste currículo despertou o interesse da teoria crítica sobre o currículo. Como afirma Silva (2011, p.77) “embora não constitua propriamente uma teoria, a noção de “currículo oculto” exerceu uma forte e estranha atração em quase todas as perspectivas críticas iniciais sobre currículo”.

Em uma visão tradicionalista do currículo oculto, não podemos deixar de citar a contribuição de Bowles e Gintis (1981) que analisaram a presença deste currículo nas suas “relações sociais na escola”, como sendo mais que os conteúdos didáticos empregados na sala de aula, responsáveis pela a socialização dos alunos, especialmente quando adestravam as crianças segundo as normas e regras que os preparavam para exercer as funções trabalhistas dentro do capitalismo.

Outra contribuição importante para a definição de currículo oculto pode ser lembrada pelos os escritos do teórico Althusser (1970), que contribuiu com o seu conceito de ideologia, apesar de não fazer uma referência direta à escola, destacou de forma relevante a sua forma pragmática e materialista. Onde explica Silva (2011, p.77) “aprendia-se” a ideologia através dessas práticas: uma definição que se aproxima bastante da definição de currículo oculto.

Apesar dos teóricos Bowles (1981), Gintis (1981) e Althusser (1970) dentro das suas análises demonstrarem uma afinidade com o currículo oculto, este conceito possivelmente foi utilizado pela a primeira vez por “Philip Jackson, em 1968, no livro

Life in classrooms”. Sendo de fato definido e ampliado por Robert Dreeben, no livro “On what is learned in school”, que ampliou de forma funcionalista este conceito, ou seja, observavam as questões estruturais desde a organização da sala de aula e do sistema de ensino, como os fatores que de fato promovem o aprendizado dos alunos. Nos conceitos de Silva (2011, p.78):

Eram as características estruturais da sala de aula e da situação de ensino, mais do que o seu conteúdo explícito, que “ensinavam” certas coisas: as relações de autoridade, a organização espacial, a distribuição do tempo, os padrões de recompensa e castigo.

Assim a noção conceitual de currículo oculto no sentido tradicionalmente crítico, parte do pressuposto de que o seu reconhecimento proporcionará um momento de desvelamento e entendimento das situações ocorrentes no espaço escolar, bem como, a consciência do reconhecimento de algo que estava oculto. Neste sentido Silva (2011, p. 79-80) Expõe:

Na teorização crítica, a noção de currículo oculto implica, como vimos, na possibilidade de termos um momento de iluminação e lucidez, no qual identificamos uma determinada situação como constituindo uma instância de currículo oculto. A ideia é que uma análise baseada nesse conceito permite nos tornarmos conscientes de alguma coisa que até então estava oculta para nossa consciência.

Apesar de certo período da história educacional o currículo oculto ser importante, este conceito sofreu um desgaste tornando-se notório e desvalorizado em relação ao seu poder de conexão das relações sociais mais diversas. Para Silva (2011, p. 80) expressa:

O conceito tornou-se, entretanto, crescentemente desgastado, o que, talvez, explique seu declínio na análise educacional crítica. Houve provavelmente certa trivialização do conceito. Algumas análises limitavam-se a “caçar” instâncias do currículo oculto por toda parte, num esforço de catalogação, esquecendo-se de suas conexões com processos e relações sociais mais amplas.

Na nossa atualidade o currículo oculto aparece ainda dentro das escolas na forma de aprendizagens não planejadas e envolvidas nas relações interpessoais existentes entre diretores, professores e alunos e na forma como são conduzidos para a aquisição do conhecimento. Conforme Silva (2011, p. 79) “como já vimos uma das fontes do currículo oculto é constituída pelas relações sociais da escola: as relações entre professores e alunos, entre a administração e os alunos, entre alunos e alunos”.

Observamos divergências nas análises em relação ao conceito de currículo oculto na escola. Pois as opiniões variam nas questões relacionadas às relações interpessoais e dos alunos com o seu aprendizado cognitivo. Mesmo assim, podemos perceber que o currículo oculto está presente no trabalho pedagógico dos educadores.

FAMÍLIA E SUA INFLUÊNCIA COMO CURRÍCULO OCULTO NO ÂMBITO ESCOLAR

Ao longo do processo histórico de construção do currículo a educação por um certo tempo responsabilizava a criança pelo o seu fracasso escolar, contudo, atualmente este pensamento sofreu modificações, ou seja, o ambiente no qual a criança está inserida, também contribui para o seu processo de aprendizagem e comportamento, especialmente no seu espaço escolar. Segundo o Conceito de Fonseca (1999, p. 5):

Hoje, porém, já se reconhece que as dificuldades em aprendizagem não se dão no vazio, e sim em contextos, tanto situacionais, quanto interpessoais. Não podemos falar de dificuldades tendo somente a criança como ponto de referência: o "contexto" em que a criança se encontra precisa ser considerado. Assim, quer a família, quer a escola, podem ser grandes responsáveis pela determinação dos distúrbios de aprendizagem.

Nesse sentido, devemos compreender que as posturas demonstradas pelas crianças dentro da sala de aula ou no convívio relacional da escola, é proveniente da captação da mesma dos modos de ser e se comporta dos seus pais. Afirmado por Fonseca (1999, p.7) "quando uma criança se identifica com seus pais, adquire muitas das características, pensamentos e sentimentos deles, em suma, adquire o padrão de comportamento da família".

Considerado que o espaço familiar, é o primeiro contato educacional de uma criança, a sua influência se torna um fator a ser observado no processo de ensino-aprendizagem e nas modificações do currículo, bem como, nas suas demonstrações de comportamento escolar e familiar. Portanto, o comportamento trabalhado ou desejado em uma criança não acontece de forma voluntária, ele precisa ser estimulado, assim a importância que os pais direcionarem ao ensino escolar, caracteriza-se o resultado do sucesso ou fracasso escolar de um aluno. Como explica Fonseca (1999, p. 13):

O comportamento, desejável ou indesejável, não apenas acontece: é causado. Conforme o enfoque dado pelos pais à aprendizagem escolar será o tipo de influência exercida sobre a criança; exemplificando: se os pais preferem ver TV, passear, assistir a algum filme, ao invés de ler, certamente a criança, mesmo possuindo revistinhas e livros, não terá muito interesse por leitura.

Portanto, sem intenção de ensinar, os pais podem influenciar a aprendizagem de seus filhos através de atitudes e valores que passam a eles.

Portanto a escola ao se preocupar com a influência da família, precisa primordialmente conhecer o perfil familiar e social existentes na nossa atualidade, pois é a mesma que se responsabiliza pela a formação inicial de um indivíduo.

Nos últimos anos percebemos que as mudanças ocorrentes no campo social, político e econômico, no qual, a sociedade vem passando está provocando uma quebra no paradigma estrutural das famílias, e conseqüentemente no seu padrão tradicional de organização. Expressado por Almeida e Medeiros (2010):

Dessa forma, a concepção de família contemporânea surge na década de 1990 apontando um novo modelo de estruturação de seus membros, assim, a tradição do lar constituído por pai, mãe e filhos não se enquadra na sociedade capitalista vigente. Neste sentido, não se pode deixar de considerar que o destino social e pessoal do indivíduo tem grande suporte na sua convivência familiar, pois, é neste espaço de convivência emocional e afetiva que estabelece suas primeiras interações sociais.

A Família contemporânea é vista de forma fragmentada, pois a necessidade de trabalho que leva milhares de pais e mães a um abandono involuntário dos filhos, a ausência dos mesmos e o crescente aumento de casais que se separam, retrata o caso das crianças criadas por avós, mães ou pais solteiros. Assim a falta da figura paterna ou materna se constitui um fator de conflitos na criança, pois essa influência negativa gera um baixo rendimento escolar e dificuldade de aprendizagem. Para Setton (2002 p. 5):

O modelo familiar, já há algumas décadas, vive transformações graduais mas extremamente profundas, dado que a inserção da mulher no mercado de trabalho e o aumento dos níveis de separação de casais contribuem para a emersão de um novo padrão de convivência e referência identitárias.

Desse modo a escola vem percebendo que apesar de procurar modificar e adequar o currículo escolar para obter e responder melhor as demandas familiares e sócias, percebe no contexto escolar, especialmente na sua relação com o currículo oculto, uma influência negativa da família, que paralelamente dificulta o trabalho organizacional das escolas, a prática pedagógica do professor e as relações interpessoais existentes nas instituições de ensino. Para Silva (2006, p. 5) “estamos

assim num âmbito de uma pedagogia invisível, de perfis difusos, mais dificilmente controláveis, cuja efetividade mas se vê no seu currículo oculto do que nas manifestações expressas da mesma”.

A educação precisa reconhecer essa influência familiar na forma de currículo oculto, como um ponto a ser observado, analisado e utilizado pelas escolas na construção de suas práticas pedagógicas e educacionais.

Os diálogos em torno da problemática e modificações dos currículos didáticos passados por instituições de ensino do nível fundamental nos mostram o quanto o papel da família e da escola precisa ser estreitado no processo de ensino escolar, pois sempre foi visível a influência da família na educação dos filhos.

Por isso, entendemos como um desafio atual para os profissionais da educação, o reconhecimento da influência familiar no processo de ensino, e aceitação da mesma, como uma tendência dispostas a derrubar os estereótipos que seguram o currículo programático formal da escola como único responsável pelo aprendizado sistemático dos alunos.

Pois através deste olhar diferenciado conseguiremos apresentar saídas para aumentar o interesse e o entendimento dos alunos em relação à importância da educação como instrumento de transformação da sua vida social, cultural e econômica.

METODOLOGIA

Caracterização da pesquisa.

Como a presente pesquisa busca compreender a influência da família no modo de agir dos alunos na sala de aula e na escola em forma de currículo oculto no ensino fundamental, assim como, construir hipóteses sobre a influência desse currículo oculto trazido pelos alunos sobre a atividade didática dos professores. A sua construção foi obtida através de um estudo de caráter bibliográfico. Com base no aporte teórico de Severino (2002, p. 39) “a documentação bibliográfica constitui um acervo de informações sobre livros, artigos e demais trabalhos que existem sobre determinados assuntos dentro de uma área do saber”.

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meio escritos e eletrônico, como livros, artigos científicos, páginas de web-sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem porém pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas como o objetivo de reconhecer informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA,2002, p.32)

Esse tipo de investigação é também reconhecido como sendo uma pesquisa científica, porque, segundo Gil (2010, p. 42) “a pesquisa científica tem um caráter pragmático é um processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico”. Com base nessa informação, a presente averiguação será classificada quanto à natureza, como qualitativa, porque tem como princípio interpretar fenômenos e atribuir-lhes significados. Quanto aos objetivos, é do tipo exploratória, pois “tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou construir hipóteses” (GIL, 2010, p. 44).

De tal modo, de acordo com Prestes (2008, p. 26) “a pesquisa bibliográfica é aquela que se efetiva tentando-se resolver um problema ou adquirir conhecimentos a partir do emprego predominante de informações provenientes de material gráfico, sonoro ou informatizado”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da abordagem de um tema que de certa forma vem provocando várias discussões e mudanças no pensar como é a influência da família como currículo oculto no ensino fundamental, é preciso uma reflexão também em relação aos sujeitos que de forma intrínseca estão envolvidos nesse tema, devendo entender que as reformulações realizadas devem contemplar de forma ampla todos os aspectos educacionais.

Não se pode pensar na influência da família apenas em uma perspectiva escolar ou na falta da presença familiar. As questões levantadas, de certa forma vai além, das implicações, dentro de uma urgência deve ser revistas na própria sala de aula. Sem negar as condições individuais do aluno. Mudar o foco da postura comportamental e da aprendizagem, atribuindo a culpa a algum fator, e a desconsideração do educando constitui-se um grande erro.

É preciso conhecer as causas dessa influência familiar no currículo escolar, e atuar juntamente a elas sem determinar os culpados. Apesar do problema existir e da sua disseminação devido à superficialidade entorno do reconhecimento cognitivo do problema. A abertura de momentos de discussão não nos levará a respostas definitivas, mas a reflexão deve girar entorno da práxis sugerida pelo teórico Paulo Freire (1996), “ação-reflexão-ação”, pois está dialética faz parte da dinâmica existente no mundo social e nos espaços escolares. No qual as discussões se perdem ao longo de atividades pedagógicas que não direcionam ao encontro de soluções.

Sendo assim, os autores utilizados como suporte teórico nesse presente trabalho propõem em relação ao tema que as explicações para a influência tão presente da família como currículo oculto enfatizem as relações interpessoais e comportamentais dos alunos durante seu convívio escolar. Nesse sentido, a família deve ser considerada como protagonista direta desse processo. Possivelmente não conseguiremos fazer o levantamento das inúmeras consequências causadas pela influência da família como currículo oculto, considerando as suas multifacetadas e

complexidade, mas as mediações e as respostas devem acontecer, para que os questionamentos levantados entorno da influência da família possam ser respondidas.

Quando a família e a escola se preocupam com a formação do indivíduo deve considerar todos os aspectos existente no seu meio familiar e social, seus desejos e necessidades mediante a vida pessoal e profissional. Seus medos e fragilidade diante dos novos desafios. Pois nessa postura é depositado uma série de expectativas, que de alguma forma vem de encontro aos seus anseios.

Um dos objetivos da educação é formar pessoas para a vida. Segundo o art. 205 da Constituição Federal (1988):

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

Diante desse embasamento legal a responsabilidade educacional é delegada a família e a escola, pois é nessas entidades de formação que os indivíduos permanecem durante um o maior tempo de sua vida.

Quando tratamos a família e a escola como instituições de ensino, observamos dentro de suas estruturas, uma representação diferenciada das práticas relacionadas a educação, onde ambas convergem no mesmo objetivo, pois buscam transmitir conhecimentos e formar o indivíduo dentro de uma postura crítica e emancipadora da realidade que está inserida.

Cabe a escola observar está influência familiar como currículo oculto presente especialmente no espaço escolar. Pois a mesma contribui para o desvelamento da visão educacional do docente mediante ao seu verdadeiro papel de orientador das relações interpessoais, sócias, intelectuais e morais dos alunos. A importância de observar este ensino oculto, sugeri a resolução de problemas que atingem a prática pedagógica. Assim indicando o início de uma mudança na formação do educando.

Sabe-se que essas discussões se tornam complexas, posto que, a postura dos educadores, pessoas ligadas diretamente com o processo de ensino, desconhece a influência da família no espaço curricular oculto.

O currículo oculto encontrando-se nos imprevistos escolares, através de situações não roteirizadas dirigidas pela correspondência de valores ideias e culturas que atuam num âmbito educacional, provoca no sistema de ensino e na prática pedagógica dos docentes, um diferencial necessário a mudanças de comportamentos pedagógicos. Isso só mostra a necessidade dos educadores em buscarem uma nova metodologia de ensino, no qual os alunos se adaptem ou aprendam melhor.

O espaço da sala de aula não pode ser visto somente como um local destinado a receber alunos e professores durante o momento pedagógico, pois ela deve constituir-se primordialmente num espaço educativo.

Em virtude das teorias mencionadas e do confronto analítico dessa pesquisa, é permissível compreender a postura familiar como uma referência necessária e relevante no processo de construção do currículo. Pois a atuação paralela da família junto a escola, conseqüentemente promoverá uma mudança na organização dos sistemas curriculares de ensino-aprendizagem.

Deste modo, aproveito os apêços finais desse estudo para expor minhas reflexões sobre a temática de forma genérica na educação, e elencar sugestões de práticas pedagógicas para utilizar a influência da família como currículo oculto no ensino fundamental de forma positiva, contribuindo com a construção do processo curricular de ensino.

Percebi a enorme necessidade de uma educação intencional visando práticas educativas direcionadas aos desvelamento da influenciada família como currículo oculto no ensino fundamental, especialmente entorno do trabalho didático dos educadores. No entanto essa não é um realidade comum nos espaços de educação formal da atualidade. Vejo que, na maior parte dos casos está presente na escola nos comportamentos dos alunos e nas suas demonstrações de valores morais éticos e sociais.

Sendo assim, precisamos de um corpo técnico-pedagógico preparado e embasado nos temas relacionados ao currículo oculto que paulatinamente vem interferindo nas relações educacionais do sistema de ensino.

É preciso a efetivação e execução eficaz de propostas pedagógicas concretas como: encontros que promovem o diálogo escola-família, reuniões para conscientizar e ouvir a família, avaliações comentadas com pais e responsáveis pelos alunos, bilhetes com trocas de informações relacionados a resolver problemáticas comportamentais ou de sucesso do aluno na escola.

Sabendo-se que não existem receitas prontas sobre como trabalhar com as problematizações familiares que emergem no espaço escolar. O educador tem que está dentro de uma ótica programática, que são as metodologias de ensino-aprendizagem, e da eventualidade, que são as intervenções exigidas em momentos não previamente definidos de manifestações do currículo oculto.

Portanto, proponho o incentivo à fomentação de formações continuadas de professores nas áreas de currículo e relação interpessoais familiares e escolar por parte das instituições de ensino. Além da elaboração e produção de materiais educativos e informativos de condução didático-pedagógico envolvendo saberes referentes a influência da família como currículo oculto no âmbito educacional. Lembrando que a escola deve exercer um papel emancipador e harmônico frente as novas posturas familiares e sociais que a contemporaneidade exige.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Márcia Silvana Silveira. **O papel da escola: obstáculos e desafios para uma educação transformadora.** Rio de Janeiro. Ediouro, 2004.

BRASIL. **Lei Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Cadernos de Educação. Brasília: CNTE, ano 2, n.3, mar.1997.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte.** Brasília: MEC/ SEF, 1997.

FEDERAL, Senado. **Constituição da república federativa do Brasil.** Imprensa Oficial do Estado SA IMESP, 1988.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FONSECA, Neumar Gianotti. **Influência da Família na aprendizagem da criança.** São Paulo, 1999. Disponível em sites: www.folhauol.com.br. Acesso em: 31/01/14.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática docente.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LOPES, Alice C3. **Pensamento e política curricular – entrevista com William Pinar.** In: Políticas de currículo em múltiplos contextos. São Paulo: Cortez, 2006.

MACIEL, Cibelle (2007) “**Reflexões sobre o Currículo Oculto nas Séries Iniciais**”. Pesquisado em 31 de janeiro de 2014. Disponível em Artigos.com. www.artigos.com/artigos/humanas/educacao/reflexoes-sobre-o-curriculo—oculto-nas-series-iniciais-1492/artigo/#.UuurJvtMb0k.

MEDEIROS, MARCELO DE ALMEIDA. **Clássicos das relações internacionais.** São Paulo: Hucitec, 2010.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa, **Indagações sobre Currículo: Currículo, Conhecimento e Cultura.** In Antônio Flávio Barbosa Moreira, Vera Lúcia Candau; Organização do documento, Jeaneti Beeauchamp, Sandra Denis e Ragel, Aricélia, Ribeiro do Nascimento. Brasília: Ministério da Educação, Secretária de Educação Básica, 2008.48p.

NAJLE, JÚNIOR. Carolina Paz Muñoz e Geraldo A. Fiamenghi. **Cadernos de Pós-graduação em distúrbios do desenvolvimento.** São Paulo, v.7, n.1, p.97-111. 2007.

Disponível em <<http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCBS/Pos-graduacao/RELACAOPROFESSORESALUNOS.pdf>>. Acesso em 18/02/14.

NASCIMENTO, Ana Paula Carvalho do. **A relação família-escola e a otimização do processo de aprendizagem**. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Veiga de Almeida, Rio de Janeiro. Pedagogia em Foco, Rio de Janeiro, nov. 2011. Disponível em: <<http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/fundam07.pdf>>. Acesso em: 31/01/14.

SABAINI, Selma Maria Garcia (2007). **Porque Estudar Currículo e Teorias de Currículo: proposta de estudo para reunião pedagógica**. IN. Selma Maria Garcia Sabaini. professora PDE/2007. Pesquisado em 28 de janeiro de 2014. Disponível em: www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/261-2.pdf.

SACRISTÁN J. G.; PÉREZ GÓMEZ A. I. **Compreender e transformar o ensino**. Porto Alegre: ArtMed, 2000.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SILVA, José Manuel. **A pragmática comunicacional no curriculum oculto: subsídios para uma abordagem interdisciplinar**. Pesquisado em 31 de janeiro de 2014. Disponível em BOCC. <http://www.bocc.ubi.pt/pag/silva-jose-manuel-pragmatica-comunicacional.pdf>.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documento de identidade: uma introdução às teorias do currículo**/ Tomaz Tadeu da Silva. - 3. ed. – 2. reimp - Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

SETTON, Maria da Graça J. ; (2002). **Família escola e mídia um campo com novas configurações**. Educação e Pesquisa. Revista da Faculdade de Educação da USP, V.28, nº I jan.-jun. 2002, p. 107-116.

PRESTES, Maria Luci de Mesquita. **A pesquisa e a construção do conhecimento científico: do planejamento aos textos, da escola à academia**. 3.ed., 1. Reimp. – São Paulo: Editora Rêspel, 2008.